

ANÁLISE DAS CADEIAS ISOTÓPICAS DE UM EXEMPLAR DE PARÁBOLA ESCRITO EM LÍNGUA ESPANHOLA

Demócrito de Oliveira Lins ¹

RESUMO

Ao longo da narrativa, o sujeito da enunciação dissemina temas e os figurativiza, o que assegura a coerência semântica do discurso e cria efeitos de sentido de realidade. Ao formular valores de maneira abstrata e organizá-los em percursos, este sujeito tematiza o discurso, ou seja, a recorrência de traços semânticos ou semas, concebidos abstratamente, constituem os percursos temáticos abstratos que, por sua vez, podem ser recobertos por figuras do conteúdo que lhes atribuem traços de revestimento sensorial. Em semiótica discursiva, a reiteração, a redundância, a repetição, a recorrência desses traços semânticos ao longo do discurso, recebe o nome de isotopia. Baseados em Greimas & Courtés (2008); Greimas (1973); Bertrand (2003); Fiorin (2005); Barros (1990, 2001), entre outros, pretendemos, por meio de um exemplar de parábola escrito em língua espanhola, identificar/analisar os procedimentos linguísticos que contribuem para a construção das isotopias diversas, identificar/construir o sentido alegórico, ou seja, como a “moral da história” é construída e, finalmente, identificar quais são os mecanismos discursivos que influenciam na construção desta outra isotopia, ou melhor, como as cadeias isotópicas contribuem para a identificação/construção da mensagem axiológica. Observamos que o reconhecimento do(s) conector(es) de isotopia por parte do leitor é condição *sine qua non* para a construção da segunda isotopia (e, por tanto, do sentido alegórico).

Palavras-chave: semiótica, isotopia, língua espanhola.

INTRODUÇÃO

Ao longo da narrativa, o sujeito da enunciação dissemina temas e os figurativiza, o que assegura a coerência semântica do discurso e cria efeitos de sentido de realidade. Ao formular valores de maneira abstrata e organizá-los em percursos, este sujeito tematiza o discurso, ou seja, a recorrência de traços semânticos ou semas, concebidos abstratamente, constituem os percursos temáticos abstratos que, por sua vez, podem ser recobertos por figuras do conteúdo que lhes atribuem traços de revestimento sensorial. A grosso modo, entendemos por tema um valor não-presente no mundo natural e que exerce o papel de categoria ordenadora dos fatos observáveis (liberdade, justiça, ódio, amor, etc.) enquanto que, a figura consiste em um elemento semântico que remete a um elemento do mundo natural (gata, juiz, ladrão, etc.) Para Greimas & Courtés (2008) “em semiótica discursiva, pode-se definir **tema** como a disseminação, ao longo dos programas e percursos narrativos, dos valores já atualizados (vale dizer, em junção com os sujeitos) pela semiótica narrativa”. Ainda segundo os autores “em semiótica discursiva, pode-se precisar ainda mais a definição de **figura**, reservando-se esse termo somente às figuras do conteúdo que correspondem às figuras do plano da expressão da

¹ Doutorando no Programa de Pós-graduação em Semiótica e Linguística Geral da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo.

E-mail para contato: democritooliveira@cchl.uespi.br

semiótica natural (ou do mundo natural)” (GREIMAS & COURTÉS, 2008:209, grifo nosso)
Tais percursos temáticos e figurativos mantem entre si diversas relações, de modo que, a repetição dos temas e a reiteração das figuras no discurso dá lugar ao que se denomina isotopia.

Assim, a preponderância de temas ou figuras fará com que o texto se classifique, respectivamente, em um texto temático (estabelece relações e dependências de modo que a realidade possa ser explicada) ou em um texto figurativo (cria um efeito de realidade). O encadeamento de figuras formará o percurso figurativo, o qual reveste o percurso temático (encadeamento de temas). A repetição desses percursos é denominada isotopia por Greimas e Courtés (2008). Advindo do domínio da física, o termo refere-se àquilo que dá ao texto uma coerência semântica ou um plano de leitura. (GAMA, et.al. 2012:5)

Para Tatit (2003) a isotopia “é um processo de reconstrução do sentido na dimensão sintagmática do texto oriundo de uma espécie de controle que os sememas das palavras empregadas exercem uns sobre os outros”. Ao analisar a canção *Com açúcar, com afeto* de Chico Buarque o autor observa que

no contexto mais amplo, em confronto com os termos “bar”, “amigo”, “futebol”, “samba”, “praia”, “copo”, tais sememas são submetidos a outras formas de controle que põem em destaque uma concepção de entretenimento tipicamente masculina. Ou seja, cada uma dessas palavras cede boa (ou a maior) parte de seus sentidos parciais em favor de uma categoria mais ampla situada num lugar (topos) onde todas convergem para o mesmo (iso-) sentido. Daí o conceito de **isotopia**. (TATIT, 2003, grifo nosso)

Como já visto, tomado do domínio da físico-química o termo isotopia foi transferido para a análise semântica, onde designou inicialmente a iteratividade de classemas que garantem a homogeneidade ao discurso-enunciado. Deste modo, podemos concluir, logicamente que, o sintagma que reúne pelo menos duas figuras pode permitir estabelecer uma isotopia. Ainda com esta noção, distingue-se isotopia gramatical (recorrência de categorias concernentes a ela) de isotopia semântica, a que faz possível a leitura uniforme do discurso. Falar-se-á ainda de isotopia actorial quando houver junção de dois componentes dos planos dos atores, que se dá sobretudo pela anaforização (GREIMAS, 2008:276). “O que dá coerência semântica a um texto e o que faz dele uma unidade é a reiteração, a redundância, a repetição, a recorrência de traços semânticos ao longo do discurso. Esse fenômeno recebe o nome de isotopia” (FIORIN, 2005, p. 112).

ISOTOPIA: Conceito restrito

Nessa perspectiva, o importante é encontrar as oposições semânticas: assim como *bato* opõe-se a *pato* devido ao traço voseado/não voseado das consoantes *b* e *p* respectivamente,

observamos que *branco* se opõe a *preto* pois o traço *cor* é ausente no primeiro e presente (contínuo) no segundo. Estes elementos de significação designados por R. Jakobson como traços distintivos, são denominados em semiótica, *semas*, ou seja, “unidade mínima” da significação que, situado no plano do conteúdo, corresponde ao *fema*, unidade do plano da expressão. Assim como os *femas* são elementos constitutivos dos fonemas, os *semas* o são dos sememas, conjuntos destes reconhecíveis no interior do signo mínimo (ou morfema). Estes, na verdade, são constituídos por *classema* (subconjunto de semas genéricos), *semantema* (subconjunto de semas específicos) e *virtuema* (subconjunto de semas conotativos). Destes, interessar-nos-á, por agora, a definição do primeiro de seus constituintes, o classema, que, para Greimas trata-se dos semas contextuais, ou seja, aqueles que são repetidos no discurso e que lhe garantem a isotopia.

Um sema só existe a partir da diferença opositiva a outros semas, ou seja, sua natureza é unicamente relacional e não substancial. Como todo estudo linguístico é, de certa forma, metalinguístico, uma vez que se utiliza da linguagem para descrever algum(ns) de seus aspectos, os semas são denominações de caráter metalinguístico, que devem ser denominados de maneira arbitrária no procedimento de análise; ademais, são pontos de interseção e de encontro de relações significantes que não correspondem a realizações lexicais em língua natural (salvo em raríssimos casos), e por tanto, convém dar uma organização coerente, pois não se tratam de simples paráfrases em língua natural. (GREIMAS & COURTÉS, 2008:429). Estes semas se articulam de diversas formas e seu modo de existência é um dos problemas mais controvertidos atualmente. Em linhas gerais, podemos afirmar que um eixo semântico se articula em dois semas, que se designam de uma maneira ambígua, como *marcado vs. não marcado*.

Sob a perspectiva do enunciatário, a isotopia permite elidir ambiguidades, o que torna homogênea a leitura do texto. Pode ser que diferentes leituras sejam possíveis sem serem compatíveis entre si, no entanto, cabe destacar que a semiótica não considera infinitas as leituras possíveis de um texto, uma vez que o número destas se relaciona pois, ao caráter polissêmico dos lexemas, cujas virtualidades de exploração são em número finito. Ademais, é-nos importante recordar que a semiótica não aceita explicações que tentem dar conta da organização das mensagens, pelo espírito humano ou pela intencionalidade do locutor, uma vez que tal interpretação se situaria no nível da produção (de mensagens) e não de sua recepção (GREIMAS, 1973:93).

A linguística moderna reconheceu e integrou no corpo de seus conceitos instrumentais um dos aspectos importantes do funcionamento das línguas naturais, a *expansão*, que independentemente da nomenclatura que se lhe atribua, se resume

na constatação de que o discurso, concebido como uma hierarquia das unidades de comunicação que se encaixam umas nas outras, contém em si mesmo, a negação dessa hierarquia, pelo fato de as unidades de comunicação de dimensões diferentes poderem ao mesmo tempo ser reconhecidas como equivalentes (GREIMAS, 1973:97).

Sob uma perspectiva semântica, observamos que a expansão é expressa na definição *latu sensu* dessa palavra, no que poderíamos denominar *definição discursiva*, e que está circunscrita no quadro das unidades sintáticas que não ultrapassam os limites da frase. Os lexicógrafos evidenciam tal processo ao buscar substituir uma ou várias sequências equivalentes (mas sintaticamente mais amplas que o lexema que se quer definir) por um lexema catalisador. Estes sistemas de equivalências podem ser claramente observados nos dicionários:

morder \approx clavar los dientes en algo

clavar \approx introducir una cosa puntiaguda en un cuerpo.

introducir \approx meter o hacer entrar algo en otra cosa.

Em sentido contrário à expansão, temos a *condensação*, entendida como uma espécie de decodificação compreensiva das mensagens em expansão. Por exemplo, ao tentar resolver um jogo de palavras cruzadas, partimos de um corpus de definições e temos que condensá-las até achar os termos definidos. Deste modo, assim como a expansão possui uma formulação sintaticamente delimitada, que é a definição, o esforço da condensação desemboca muito frequentemente na *denominação*, que se dá, quando por exemplo, ao não saber o termo específico, o condensamos em definições livres que tentam descrevê-lo destacando algum aspecto como sua(s) função(s), ou cores, ou tamanho, formato, etc. Podemos observar este fenômeno ao entrar em uma loja especializada de ferragens e escutar o diálogo no qual o comprador, dirigindo-se ao vendedor, faz uso de expressões como *um negócio para...*, *uma espécie de...*, *uma coisa que usa para...*, *uma espécie de trem que...*, *um troço*, etc.

Por tanto, como de certa forma *denominação* e *definição* se equivalem, uma vez que se caracterizam pela presença de um certo número de semas comuns, podemos admitir que “a análise das definições nos informará sobre a natureza dos semas (se não de todos, pelo menos de um certo número deles) implicitamente contidos na denominação.” (GREIMAS, 1973:111)

Podemos observar que tanto a *definição* como a *denominação* se exercem a todo momento e graças a diversos e variados procedimentos, muitos destes facilmente reconhecíveis e que servem essencialmente à denominação. Repassemos:

1. A *derivação* constitui em boa parte um sistema de classificação e ao mesmo tempo os quadros da denominação simples.

2. O *empréstimo*, procedimento que funciona universalmente e sem interrupção, consiste na utilização de elementos lexemáticos pertencentes ao patrimônio greco-latino, comum a todas as comunidades linguísticas da civilização ocidental.

3. O procedimento da identificação da definição com a denominação, ou melhor, da consideração da definição pelo plano denominativo da linguagem, que podemos observar em casos como *planalto*, *ferro velho*, *ácido acético*, etc. Observamos que a denominação em relação à definição sempre é um empobrecimento sêmico, e quando a definição discursiva se transforma em denominação, exige-se, por sua vez, uma nova definição.

4. A *denominação figurativa* se dá quando uma figura nuclear funciona como um modelo sêmico denominativo de caráter geral e recobre, enquanto protótipo, uma classe de derivação aberta. Assim, por exemplo, o núcleo sêmico de *cabeza* funciona como modelo sêmico de expressões como *cabeza de un clavo* (cabeça de um prego), *cabeza de un alfiler* (cabeça de um alfinete), *cabeza de un mastro* (cabeça de um mastro), *cabeza de un compás* (cabeça de um compasso), *cabeza de ajo* (cabeça de alho), etc.

5. A *denominação translativa* é uma espécie de empréstimo interior e consiste na transferência de um segmento do discurso (lexema ou sintagma) de um domínio semântico a outro relativamente distanciado. Aqui temos casos do francês como:

Tête de loup ≈ “espécie de espanador”

Tête de turc ≈ “espécie de bigorna”

tête de négre ≈ “cor...”

tête à tête ≈ “serviço de chá”

Em espanhol temos casos como:

Cabeza cuadrada ≈ persona metódica y demasiado obstinada

Cabeza de agua ≈ máxima creciente del mar, que corresponde a la conjunción de la Luna

Cabeza de chorlito ≈ persona ligera y de poco juicio

Cabeza de lobo ≈ Cosa que se exhibe u ostenta para atraer o recompensar el favor de los demás.

Cabeza tractora ≈ tractocamión

Como, inicialmente, o que pretendemos é estabelecer a isotopia do discurso, devemos realizar uma análise definicional que consiste, primeiramente, em uma análise semêmica, reduzindo o inventário a partir do procedimento lexicográfico que substitui a pesquisa das definições pelo enunciado das sinonímias. Teríamos que, partindo das seguintes definições:

rendu ≈ “fatigue, harassé”, “fatigado, extenuado”

fourbu ≈ “harassé”, “extenuado”

recru ≈ “harassé de fatigue”, etc., “extenuado de fadiga”

poderíamos reduzir o inventário de 5 lexemas a 2: *fatigue* e *harassé*.

Em um segundo momento, analisaremos as denominações da subclasse já reduzida por meio de suas definições, o que nos levaria a um duplo resultado: primeiro, à informação sobre a natureza dos semas implicitamente contidos na denominação, uma vez que, de certa forma (como já visto) esta equivale à definição; o interesse de tal análise consiste sobretudo nas possibilidades de desvendamento das figuras nucleares das denominações não motivadas, consideradas como “abstratas”, ou seja, desprovida de conteúdo semiológico, uma vez que a composição da base classemática das duas espécies de ocorrências já nos é conhecida; em segundo lugar, a exploração dos definidores nos permite dilatar o inventário e introduzir nele todas as definições possíveis das ocorrências lexemáticas contidas no inventário, segundo o princípio da equivalência.

Parece-nos oportuno dizer que para solucionar os impasses referentes à pesquisa da isotopia do discurso faz-se necessário uma *seleção cultural* que recoloca em pauta a própria possibilidade de análise semântica objetiva; deste modo, como tal seleção é difícil de ser imaginada para as necessidades da análise mecânica, a própria descrição depende ainda largamente da apreciação subjetiva do analista. Greimas (1973) o expressa assim:

A necessidade de uma *seleção cultural* para resolver as dificuldades relativas à pesquisa da isotopia do discurso, e que aparecem claramente quando se tenta encarar as definições oblíquas, recoloca em questão a própria possibilidade da análise semântica objetiva. Isto porque o fato de que tal seleção é, no estado atual de nossos conhecimentos, difícil de ser imaginada para as necessidades da análise mecânica; o que significa que a própria descrição depende ainda largamente da apreciação subjetiva do analista. (GREIMAS, 1973:121)

O sentido do texto é depreendido a partir, evidentemente, do próprio texto, mais precisamente, pelos inúmeros semas dos lexemas que o formam; estes semas se relacionam e

se combinam, dando lugar, como vimos a isotopia. Nesse sentido, sendo os lexemas de determinado texto em um número finito, podemos concluir que o texto se constitui de um micro-universo semântico fechado em si mesmo. Para Greimas (1973:124) “Efetivamente, as denominações contidas no texto são determinadas pelas definições que estão presentes aí, e unicamente por elas, de tal modo que o texto constitui um micro-universo semântico fechado em si mesmo” (GREIMAS, 1973:124).

Interessar-nos-á neste trabalho textos que manifestam isotopias complexas, ou seja, quando manifestam articulações complexas de uma categoria classemática, com intervalos irregulares, que permite o desenvolvimento, nesses intervalos, dos planos autônomos que dependem de uma das duas isotopias, realizando um dos termos da categoria classemática em questão (seja o termo positivo ou o termo negativo). O caráter simples ou complexo das isotopias do discurso depende das variações individuais como por exemplo, a personalidade do decodificador. Não importa tanto se a isotopia complexa é provocada pela intenção consciente do leitor ou, está aí sem que este o saiba², o que realmente nos interessará para a análise do conteúdo é, antes de tudo, a necessidade do reconhecimento da existência de vários planos isotópicos em um mesmo discurso, para então obrigar-nos a explicar estruturalmente esta bivalência (GREIMAS, 1973:129). É exatamente nisto que consiste a principal dificuldade de leitura de textos plurisotópicos: descobrir sua isotopia e poder manter-se aí³. E é, de certa forma, a isto que nos proporemos neste trabalho. Entenderemos a isotopia de um texto como

a permanência de uma base classemática hierarquizada, que permite, graças à abertura dos paradigmas que são as categorias classemáticas, as variações das unidades de manifestação, variações que, em vez de destruir a isotopia, ao contrário, a confirmam. (GREIMAS, 1973:128)

Para evidenciar a oposição entre duas isotopias simultâneas do discurso, Greimas (1973:132) chega a propor os termos *texto* e *metatexto*, cuja diferença seria somente operacional e se apoiaria no simples bom senso e na apreciação “mediana” da comunicação.

² E nada altera em relação à própria estrutura de sua manifestação o fato de a isotopia complexa do discurso ser provocada pela intenção consciente do leitor, ou de achar-se instalada aí sem que este o saiba. (GREIMAS, 1973:131)

³ [...] a principal dificuldade da leitura consiste em descobrir a isotopia do texto e em poder manter-se aí. (GREIMAS, 1973:132)

ISOTOPIA: Conceito ampliado

A primeira abordagem, de certa maneira estruturalista, apoia-se na análise sêmica, e propõe que se vá do elemento para o conjunto; assim, considera que a significação está, de certo modo, pré-estabelecida no próprio texto, e por tanto é fechada e imutável. A concepção contemporânea de isotopia, considerando as operações de construção de sentido pela atividade enunciativa tanto do autor como do leitor, procura ir do conjunto para o elemento, mostrando, assim, compatibilidade com a evolução da própria teoria semiótica. Nesse sentido, considerando a isotopia como “a permanência de um efeito de sentido ao longo da cadeia do discurso” (BERTRAND, 2003:153), ela não se restringe à palavra (campo semântico/lexical) mas abrange todo o discurso (dimensão sintagmática). Além de uma análise da dimensão sintagmática, a nível discursivo, recorreremos também a métodos da semântica estrutural, como a análise definicional, conforme nos recomenda Barros (2005:71): “A análise dos percursos ou linhas isotópicas faz-se pelo exame dos traços semânticos, abstratos e figurativos, que se repetem no discurso. Pode-se recorrer, assim, a princípios e métodos da semântica estrutural que facilitem a determinação dos traços reiterados”.

A questão da isotopia possibilita explorar a conservação e a transformação dos elementos de significação cuja estrutura formal era apreendida pelo modelo anterior, e seu conceito passou a definir-se, então, como a recorrências de categorias sêmicas, sejam temáticas (abstratas) ou figurativas, o que deu lugar à distinção correlativa entre isotopias figurativas e isotopias temáticas, que por sua vez se relacionam de diferentes formas. Primeiramente, esta pressupõe aquela, mas não o contrário, ou seja, se há isotopia temática é porque haverá uma isotopia figurativa; no entanto, a identificação de uma isotopia figurativa não implica na existência de uma isotopia temática. Em segundo lugar, uma única isotopia temática pode corresponder a várias isotopias figurativas; “É o caso da **parábola**, caracterizada pela pluralidade de isotopias figurativas possíveis para significar uma única isotopia temática, na qual diversas narrativas diferentes trazem uma mesma mensagem axiológica” (BERTRAND, 2003:97-98). Finalmente, poder-se-á ter várias isotopias figurativas co-ocorrentes que correspondem à mesma quantidade de isotopias temáticas, o que chamamos pluriisotopia; na comparação, por exemplo, temos uma co-manifestação de isotopias (normalmente duas, ou seja, uma bi-isotopia). Esta significação temática e abstrata pode ser desenvolvida como uma unidade discursiva de comentário combinado ou pode ir

agregado à significação figurativa da narrativa, como ocorre com a parábola e sua moral, onde a primeira dispõe em uma expansão figurativa aquilo que a última condensa de forma abstrata.

A isotopia figurativa pode, ainda, ser denominada explicitamente, por meio de um termo abstrato, que condensará um conjunto de sequências figurativas, como no exemplo de J. Cortés extraída de um conto de Perrault onde podemos observar que o desenvolvimento figurativo e a precisão icônica (mais de meia légua) confirmam e intensificam o conteúdo temático-passional da aversão: “a mãe tinha uma *aversão* horrível à caçula. Ela a obrigava a comer na cozinha e a trabalhar sem descanso. Entre outras coisas, a pobrezinha era obrigada duas vezes por dia a ir buscar água a mais de meia légua de casa”.

Para Bertrand (2003:18) o motivo de muitas divergências de interpretação de textos pluriisotópicos está estreitamente relacionado às diferentes seleções de isotopias regentes, levando a mal-entendidos em conversações cotidianas ou a uma leitura “plural” destes textos. Como suas isotopias se relacionam de diversos modos, a passagem de um plano de leitura a outro(s), é garantida pelos *conectores* (lexema ou sintagmas que podem ser lidos em várias isotopias) e pelos *desencadeadores* (elemento que não se integra facilmente em uma linha isotópica já reconhecida e, por tanto, leva à descoberta de novas leituras) de isotopias, que com seus elos anafóricos, *garantem* a continuidade da leitura do sentido.

Com o objetivo de ilustrar elementos de análise semióticos, Bertrand (2003) inicia seu primeiro capítulo apresentando a seguinte narrativa, a partir da qual realiza algumas análises:

Imagine uma alta muralha na noite. A meia-altura, uma janela. Barras na janela. Uma das barras serrada. Lençóis amarrados com nós ao longo do muro. Um homem pendurado nos lençóis. O medo... Imagine agora um bosque. A corrida desenfreada do homem entre as árvores. Seu desaparecimento na noite. (BERTRAND, 2003:10)

O autor observa que as isotopias são construídas pela competência discursiva do leitor, que preenche as elipses predicativas: o homem do muro começou sua descida, ele se encontra no meio, ele chega embaixo, ele se põe a correr, etc., ou seja, o texto não fornece estas informações, mas o leitor as restitui. Aqui, destacamos a importância do preenchimento de tais elipses para a construção do sentido, sobretudo em textos pluriisotópicos.

Se considerarmos que as grandes regras de coerência textual se apoiam na *repetição* e na *progressão* conforme alguns gramáticos, a isotopia aparece propriamente como um dos instrumentos de tais regras, uma vez que assegura a *repetição* pela recorrência dos elementos semânticos que se repetem de uma frase a outra (sobretudo por meio dos termos de retomada,

e a anaforização) e proporciona a progressão, isto é, o aporte de novas informações por sobre o fundo de continuidade ao longo dos enunciados (BERTRAND, 2003:83).

Análise-Piloto

Passemos a explicitar a operacionalidade do conceito de isotopia visto ao analisar as cadeias isotópicas de um exemplar de parábolas escrito em língua espanhola. Com isso, pretendemos identificar/analisar os procedimentos linguísticos que contribuem para a construção das isotopias diversas, identificar/construir o sentido alegórico, ou seja, como a “moral da história” é construída e, finalmente, identificar quais são os mecanismos discursivos que influenciam na construção desta outra isotopia, ou melhor, como as cadeias isotópicas contribuem para a identificação/construção da mensagem axiológica. Vejamos o texto:

1. El juicio	
1	Cuenta una antigua leyenda que en la Edad Media un hombre muy virtuoso fue
2	injustamente acusado de asesinato. El culpable era una persona muy influyente del
3	reino, y por eso desde el primer momento se procuró hallar un chivo expiatorio para
4	encubrirlo.
5	El hombre fue llevado a juicio y comprendió que tendría escasas oportunidades
6	de escapar a la horca. El juez, aunque también estaba confabulado, se cuidó de
7	mantener todas las apariencias de un juicio justo. Por eso le dijo al acusado:
8	“conociendo tu fama de hombre justo, voy a dejar tu suerte en manos de Dios: escribiré
9	en dos papeles separados las palabras <i>culpable</i> e <i>inocente</i> . Tú escogerás y será la
10	Providencia la que decida tu destino”.
11	Por supuesto, el perverso funcionario había preparado dos papeles con la misma
12	leyenda: <i>culpable</i> . La víctima aun sin conocer los detalles, se dio cuenta de que el
13	sistema era una trampa. Cuando el juez lo conminó a tomar uno de los papeles, el
14	hombre respiró profundamente y permaneció en silencio unos segundos con los ojos
15	cerrados. Cuando la sala comenzaba ya a impacientarse, abrió los ojos y con una
16	sonrisa, tomó uno de los papeles, se metió a la boca y lo engulló rápidamente.
17	Sorprendidos e indignados, los presentes le reprocharon:
18	- Pero, ¿qué ha hecho? ¿Ahora cómo diablos vamos a saber el veredicto?
19	- Es muy sencillo, - replicó el hombre - es cuestión de leer el papel que queda y
20	sabremos lo que decía el que me tragué.
21	Con ira y coraje debieron liberar al acusado y jamás volvieron a molestarlo.

Os textos parabólicos se caracterizam por serem metafóricos e, como sabemos,

as figuras de retórica – metáfora, comparação e metonímia à frente – estão baseadas, como se sabe, no duplo sentido. Instalam a coexistência tensa e eventualmente

competitiva de dois ou vários planos de significação simultaneamente oferecidos à interpretação. (BERTRAND, 2003:84)

O exemplar em análise, possui uma isotopia temática jurídica (1) e uma isotopia temática do encontro de soluções (2). A primeira, se subdivide em pelo menos, três subtemas, cujos traços semânticos se relacionam e por tanto, dão lugar a outras três subisotopias:

1. **Isotopia jurídica propriamente dita** (cor vermelha), introduzida na segunda linha com os termos “injustamente acusado” e “asesinato”.

Jurídico é o que corresponde ao *direito* ou se ajusta a ele; *direito* será nosso sema comum, que conecta os outros sememas da mesma isotopia. Vejamos:

Injustamente (lin. 2) significa de maneira injusta; *injusto* é o que não é justo ou equitativo; *justo*, o que se dá segundo justiça e razão; finalmente, *justiça* é *direito*, razão, equidade. É necessário que se diga que estas subisotopias se entrelaçam de modo que *injustamente* também se relaciona com a isotopia da trama (ver adiante).

Acusado (linhas 2, 7 e 21) é a pessoa a quem se acusa; *acusar* é assinalar alguém atribuindo-lhe a *culpa* de uma falta, de um delito ou de um fato reprovável; *culpa* já é um lexema relacionado ao *direito*, que pode ser definido como omissão da diligência de alguém, que implica que o fato injusto ou danoso resultante motive sua responsabilidade civil ou penal.

Culpable (lin. 2) é quem tem a *culpa* de algo e, assim como culpa, também é um termo relacionado ao âmbito jurídico (ao Direito), que se define como responsável civil ou penalmente de algo.

Igualmente *juicio* (lin. 5; repete-se na lin. 7) relaciona-se com *Direito*, e se define como conhecimento de causa na qual o juiz há de pronunciar uma sentença.

Horca (lin. 6) é uma estrutura composta por um ou dois paus verticais presos ao chão e outro horizontal, do qual se pendura pelo pescoço a um *condenado* a morte para executar a *pena*; tanto *condenado* como *pena* relacionam-se ao *Direito*; *pena* é o castigo imposto conforme a lei pelos juízes ou tribunais aos responsáveis de um delito ou falta; *delito* é a ação ou omissão voluntária ou imprudente penada pela lei.

Juez (lin. 6) é a autoridade máxima de um tribunal, que tem a autoridade e potestade para *julgar* e sentenciar; aquele que *julga*; *julgar* é determinar se o comportamento de alguém é contrário à lei, e sentenciar o precedente. A forma em como se dará o julgamento no texto é explicitada quando o juiz lhe diz ao homem: “escribiré en dos papeles separados las palabras *culpable* e *inocente*. Tú escogerás y será la Providencia la que decida tu destino”. Depois de

transformar-se em um julgamento injusto (uma armadilha) o *hombre* (lin. 1) deixa de ser simplesmente um *acusado* (lin. 2 e 7) e passa a ser a *víctima* (lin. 12).

Víctima (lin. 12) é pessoa que padece as consequências danosas de um delito.

Veredicto (lin. 18) é a sentença pronunciada por um jurado.

Conminó (lin. 13) é forma de *conminar* que é, por sua vez, requerir a alguém o cumprimento de um mandato, sob pena ou sanção determinadas.

2. **Isotopia da trama** (cor azul). *Trama* é artifício, dolo, confabulação com a qual se prejudica alguém.

Chivo expiatorio (lin. 3) é a pessoa a quem se atribui todas as culpas para eximir a outras pessoas. Vejamos que o fato de atribuir culpa a uma pessoa que não tem, já caracteriza uma *trama*.

Confabulado (lin. 6) quando dito de dois ou mais pessoas é colocar-se de acordo para empreender algum plano, geralmente ilícito; vem de *confabular* que é o sinônimo de *tramar*.

Em *Apariencias de un juicio justo* (lin. 7) observamos que o julgamento parecia justo, mas não era, por tanto, era injusto, o que o liga com a *trama*, uma vez que esta se caracteriza por ser injusta, e é explicitada no seguinte fragmento: “Por supuesto, el perverso funcionario había preparado dos papeles con la misma leyenda: *culpable*”. O reconhecimento por parte do leitor de que já não se trata de um papel com a palavra *inocente* e outro papel com a palavra *culpable*, e sim dois papéis com a mesma palavra (*culpable*), é imprescindível para a construção do sentido adequado do texto.

Trampa é uma contravenção dissimulada a uma lei, convênio ou regra, ou maneira de esquivá-la, com miras ao proveito próprio. Se as leis são sancionadas para estabelecer justiça, as contravenções delas propõem a injustiça, o que faz com que as *trampas* sejam injustas e, por conseguinte, relacionam-se com a *trama*.

3. A **Isotopia do Escape** (cor amarela - ação de escapar, especialmente de uma situação de perigo) é prenunciada pelo lexema *escapar* (lin. 6), que é sair de um encerro ou de um perigo; o escape é explicitado no seguinte fragmento: “Cuando el juez lo conminó a tomar uno de los papeles, el hombre respiró profundamente y permaneció en silencio unos segundos con los ojos cerrados. Cuando la sala comenzaba ya a impacientarse, abrió los ojos y con una sonrisa, tomó uno de los papeles, se metió a la boca y lo engulló rápidamente”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como expresso no início desta análise o texto pode ser lido a partir de dois planos isotópicos: (1) uma isotopia temática jurídica (já parcialmente analisada) e (2) uma isotopia temática do encontro de soluções. A isotopia positiva, específica, literal (1), da historiazinha narrada terá sempre uma isotopia correlata, negativa, geral, neste caso metafórica⁴, que se aplica em nossas vidas, no mundo real.

Deste modo, observemos que o lexema *escapar* (lin. 6) é o conector destas isotopias, que conecta não somente a isotopia do escape específico do texto, do homem injustamente acusado de assassinato, mas também, de uma isotopia do escape geral que pode ser aplicado às mais diversas situações de nossa existência. Assim, há um escape literal narrado no texto (o homem injustamente acusado de assassinato escapou da força) que ilustra (pode ser estendido como) um escape de difíceis situações de nossa existência, ou seja, assim como o personagem do texto conseguiu escapar de uma situação na qual não parecia haver saída, nós, nesta existência, podemos encontrar saída(s) de situações nas quais parecem não haver, e, muitas vezes a saída depende da ruptura de contratos mal estabelecidos em nossa existência. Deste modo, concluímos que o reconhecimento do(s) conector(es) de isotopia por parte do leitor, evidentemente, é condição *sine qua non* para a construção da isotopia negativa (e, por tanto, do sentido alegórico).

Uma vez reconhecido o conector de isotopias, pode-se reler o texto a partir de uma segunda isotopia, o que fará que os temas e figuras se reestabeçam. Assim, na isotopia 1, *um hombre muy virtuoso* (lin. 1), *acusado* (lin. 2, 7 e 21), *chivo expiatorio* (lin.3) e *víctima* (lin. 12) correspondem a “nós”, na isotopia 2. Na isotopia 1, *asesinato* (lin. 2), por meio de uma relação metonímica, corresponde a qualquer “crime”, na isotopia 2. O *reino* (lin. 3) passa a ser uma região geográfica/sociedade (corrupta) na qual vivemos. O *juicio* (lin. 5) já não é só um julgamento clássico em um tribunal, mas um julgamento “social”. A *horca* (lin. 6) figurativiza a sanção negativa da isotopia 2. O *juez* (lin.6)/*perverso funcionário* (lin. 11) é um participante consciente da sociedade corrupta. *Escapar* (lin. 6), como já expressei, não é somente escapar de um julgamento por um motivo específico (o *asesinato*), mas escapar, ou melhor, encontrar a solução, de qualquer situação adversa na que nos encontremos. A ação do juiz de dizer “*conociendo tu fama de hombre justo, voy a dejar tu suerte en manos de*

⁴ Para Fiorin (1997:86), “quando entre a possibilidade de leitura 1 e 2 houver uma intersecção de traços semânticos, há uma metáfora; quando entre as duas possibilidades de leitura existir uma relação de inclusão, há uma metonímia”.

Dios: escribiré en dos papeles separados las palabras culpable e inocente. Tú escogerás y será la Providencia la que decida tu destino”. (lin.7 a 10) passa a significar qualquer situação injusta na que nos encontremos onde aparentemente temos o poder de escolha. A trama em nossa sociedade corrupta pode ser realizada das mais diversas formas; no texto se deu quando o juiz “*había preparado dos papeles con la misma leyenda: culpable. (lin. 11 e 12)*”. Em nossa existência, podemos escapar das tramas/armadilhas de várias maneiras; no texto, o modo de escape se deu “*cuando el juez lo conminó a tomar uno de los papeles, el hombre respiró profundamente y permaneció en silencio unos segundos con los ojos cerrados. Cuando la sala comenzaba ya a impacientarse, abrió los ojos y con una sonrisa, tomó uno de los papeles, se metió a la boca y lo engulló rapidamente*” (lin. 13 a 16).

A frase dita pelo homem, “es cuestión de leer el papel que queda y sabremos lo que decía el que me tragué (lin. 19 e 20)”, só fará sentido se, como dito anteriormente, o leitor reconheça que os dois papéis continham a mesma palavra: *culpable*. Por tanto, o homem só **escapou** porque o papel que sobrou teria a palavra *culpable* e, por conseguinte, ele havia escolhido o papel que teoricamente teria que ter o verbete *inocente*, e logo teria que ser inocentado. O escape é confirmado com a aparição de *liberar* (lin. 21) que é fazer que alguém ou algo fique livre do que o submetia ou oprimia.

Outras considerações podem ainda ser feitas: lembremos que as parábolas se caracterizam por serem narrativas que se dão em um tempo passado que, neste exemplar é explicitado pelo termo *antigua* (lin 1) e, por narrarem um acontecimento fictício (fingido), o que é explicitado no termo *leyenda* (lin. 1), narração de acontecimentos fantásticos transmitidos por tradição. Por outro lado, vejamos como o termo *Edad Media* (lin. 1) cria um efeito de realidade, pois é um tempo “real” de nossa história. O texto narrado em terceira pessoa (desembreagem enunciativa) produz o efeito distanciamento da enunciação.

ABSTRACT

Throughout the narrative, the subject of the enunciation disseminates themes and figurativeizes them, which ensures the semantic coherence of the discourse and creates effects of a sense of reality. By formulating values in an abstract way and organizing them into pathways, this subject thematizes the discourse, that is, the recurrence of semantic features or semes, abstractly conceived, constitute the abstract thematic pathways that, in turn, can be covered by figures from the content that attribute to them sensory coating traits. In discursive semiotics, reiteration, redundancy, repetition, the recurrence of these semantic traits throughout the discourse, is called isotopy. Based on Greimas & Courtés (2008); Greimas (1973); Bertrand (2003); Fiorin (2005); Barros (1990, 2001), among others, we intend, through a copy of a parable written in Spanish, to identify/analyze the linguistic procedures that contribute to the construction of different isotopes, to identify/build the allegorical sense, that is, how the “moral of the story” is constructed and, finally, to identify which are the discursive mechanisms that influence the construction of this other isotopy, or better, how the isotopic chains contribute to the identification/construction of the axiological message. We observe that the recognition of the isotopy

connector(s) by the reader is a sine qua non condition for the construction of the second isotopy (and, therefore, of the allegorical sense).

Keywords: semiotics, isotopy, spanish language.

REFERÊNCIAS

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria Semiótica do Texto**. 4ª ed. São Paulo, Ática, 2005.

BERTRAND, Denis. **Caminhos da Semiótica Literária**. São Paulo, Edusc, 2003.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. São Paulo, Contexto, 1997.

GREIMAS, A. J & COURTÉS, J. **Dicionário de semiótica**. São Paulo, Contexto, 2008.
ISBN 978-85-7244-316-6

GREIMAS, A. J. **Semântica Estrutural**. Cultrix, Universidade de São Paulo, 1973.

TATIT, Luiz. **A Abordagem do Texto**. In FIORIN, José Luiz (org.) *Inrodução à Linguística I. Objetos teóricos*. São Paulo, Contexto, 2003.